

## **GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA E CONTRACEPÇÃO: A VISÃO DE ADOLESCENTES DO AGRESTE PARAIBANO**

Girlene dos Santos Souza<sup>1</sup>; Danielle Lima de Oliveira<sup>2</sup>; Wilson José Felix Xavier<sup>3</sup>

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. UFPB-CCA, CAMPUS-II, AREIA-PB<sup>1, 2, 3</sup>. E-mail:  
girlenessouza@gmail.com<sup>1</sup>; daniellebioufpb@hotmail.com<sup>2</sup>; wilsonjfelix@bol.com.br<sup>3</sup>

**Resumo:** A gravidez na adolescência é vista, atualmente, como um problema de saúde pública mundial, no entanto, percebe-se que pais e escolas, a quem é atribuído inicialmente à educação, na maioria das vezes, não o fazem. Isso maximiza a relevância de estudos que abordem essa temática. Assim, mediante essa problemática da gravidez na adolescência na sociedade, e, sobretudo, a forma como a escola vem tratando esse assunto, estamos convencidos de que, se as informações sobre gravidez na adolescência não chegarem até os jovens de maneira coerente, chegarão por vias duvidosas e inadequadas que podem acarretar em informação errada ou até na falta dela. Dessa forma, sentimos a necessidade de um trabalho que conscientizasse e tentasse sensibilizar os (as) adolescentes do ensino médio acerca da questão da gravidez na adolescência, partindo do seguinte problema: será que o ensino sobre orientação sexual, não seria também um caminho para prevenir a gravidez na adolescência? Todavia, o objetivo principal do presente trabalho apresentar os resultados de uma pesquisa qualitativa, que objetivou conscientizar e sensibilizar alunos e alunas matriculadas nos 1º e 3º anos do ensino médio da escola “José Gonzaga” da cidade de Remígio – PB, acerca das questões relacionadas à gravidez na adolescência. Utilizou-se como instrumento de coleta de dados e um questionário semi-estruturado destinado aos(as) adolescentes, sendo este formado por questões abertas e fechadas. A partir dos dados, conclui-se que os(as) adolescentes são carentes de informação, no que diz respeito a temática. Nesse sentido, a escola deve fazer bom uso do ambiente privilegiado da qual dispõe e inserir na sua programação didática atividades educativas que discutam a educação sexual fazendo uma conexão com os interesses dos(as) adolescentes, buscando preencher as lacunas na formação destas pessoas. Deve-se nessas atividades ater-se também a questão da prevenção, a fim de que os(as) adolescentes tomem conhecimento dos riscos que correm sem a devida proteção, para que, a partir do conhecimento adquirido, possam usufruir deste conhecimento para melhor orientar suas experiências e escolhas nos aspectos afetivos e sexual, melhorando assim, até mesmo sua qualidade de vida.

**Palavras-chave:** saúde na escola, educação sexual, adolescente grávida, contexto escolar.

### **INTRODUÇÃO**

A gravidez na adolescência (GA) é considerada mundialmente como um problema de saúde pública (BELO; SILVA, 2004). Tal fenômeno configura-se ainda com um dos fatores que elevam os índices de evasão escolar. Segundo a Organização Mundial da Saúde, aproximadamente 15 milhões de adolescentes entre 15 e 19 anos dão a luz todo ano, correspondendo a 10% dos nascimentos em todo o mundo (OMS, 2006).

É preciso salientar que, de acordo com a Organização Mundial da Saúde, considera-se gravidez na adolescência, toda gestação que ocorre na faixa etária dos 13 aos 19 anos de idade (OMS, 2006). É notório que esta fase coincida com a habitual etapa de escolarização, por isso, a gravidez adolescente não planejada e/ou indesejada interfere diretamente nos índices de

evasão escolar, visto a iminente dificuldade em conciliar a vida escolar e a recém chegada vida materna que, na grande maioria dos casos não é planejada.

Muitos dos casos de GA decorrem do desabrochar da sexualidade na adolescência, em conjunto com a falta de informações adequadas, posto que uma considerável parcela de pais e mães não conversam com seus filhos e filhas a respeito, por não terem embasamento, ou mesmo pelo enraizado tabu com relação às questões de sexualidade. “Assim, as famílias não transmitem a orientação sexual adequada, deixando os/as jovens em desvantagem” (MOREIRA *et al.*, 2008).

Para os (as) jovens que estão vivenciando a adolescência, a sexualidade configura-se como algo desatrelado da reprodução, “quando de fato o exercício da sexualidade e da reprodução, deveriam ser sempre atos planejados e desejados” (MOREIRA, 2011). O fato da sexualidade ser exprimida mais veementemente na adolescência, e a vida sexual dos(as) jovens começar a ser ativa mais cedo, acaba-se ligando a fenômenos como as Doenças Sexualmente Transmissíveis e gravidezes na adolescência.

Neste sentido, Hugo *et al.* (2011) afirmam que, “a primeira relação sexual considerada um marco na vida dos(as) jovens, tem iniciado cada vez mais precocemente. No contexto brasileiro, a idade média da primeira relação sexual é de 14,94 (quatorze vírgula noventa e quatro) anos para as meninas e 15,29 (quinze vírgula vinte e nove) anos para os meninos, não havendo portanto uma diferença estatística significativa (BORGES e SCHOR, 2005).

Essa conjunção de fenômenos ocorre, dentre outras causas, devido à falta de informação, orientação e educação acerca de sexo e sexualidade. Nesse sentido, conforme Aquino *et al.*(2010), os(as) jovens brasileiros embarcam na vida sexual ativa sem sequer preocupar-se com os métodos de contracepção, sendo assim, desconsideram as principais consequências de tais atos, como a gravidez na adolescência e as doenças sexualmente transmissíveis (DST).

Conseqüentemente, podemos dizer que:

A gravidez na adolescência chama a atenção para a complexa realidade da juventude brasileira e, em particular de adolescentes, articulando aspectos ligados ao exercício da sexualidade e da vida reprodutiva, às condições materiais de vida e às múltiplas relações de desigualdade que constituem a vida social em nosso país (BRASIL, 2010, p. 91).

Essa percepção vai sendo confirmada por dados estatísticos, como os do Sistema de Informação de Nascidos Vivos (SINASC), desenvolvido pelo Departamento de Informática dos SUS (DATASUS), do ano de 2011. De acordo com essas informações, ocorreram no referido ano mais 560.000 mil partos de mães adolescentes em todo o Brasil, e destes,

aproximadamente 188.000 somente na região Nordeste.

É nítido os altos índices de grávidas e “grávidos” adolescentes, e que há inúmeros elementos que levam à uma gestação indesejada nesta etapa da vida, no entanto, pode-se dizer que a iniciação precoce a vida sexual, a falta e/ou conhecimento inadequado dos métodos contraceptivos por parte dos(as) jovens, e a “omissão” de informação por parte de familiares, e professores/professoras, são os mais presentes.

No que se refere à contracepção, os (as) adolescentes muitas vezes conhecem ou já ouviram falar sobre métodos contraceptivos, entretanto, não sabem como fazer o uso correto dos mesmos. Um dos motivos para explicar tal comportamento seria a falta de maturidade psicológica e emocional, características da adolescência (CAVALCANTI, 2000). Esse fato é reafirmado quando Silva e Santos (2008) diz que:

Embora conheçam métodos preventivos como a pílula, as adolescentes ainda optam por não usar. Além da dificuldade de acesso, elas têm medo dos efeitos colaterais e, ainda, acreditam que são imunes à gravidez. Muitas não conhecem o próprio corpo, não conseguem colocar o assunto em discussão na família e tampouco recebem qualquer orientação na escola, pois nestas persiste o mito de que falar de sexo estimula a prática (PAULICS, 2006 *apud* SILVA e SANTOS, 2008, p.3).

Nesse sentido, faz-se de extrema importância ações mais intensivas e eficazes de prevenção, que não se baseiem apenas na distribuição de preservativos e outros métodos contraceptivos, mas que busquem sensibilizar os (as) adolescentes acerca das conseqüências do não uso dos mesmos, bem como a promoção de um ambiente de livre diálogo onde os(as) jovens possam falar, questionar e trocar experiências abertamente sobre si e seus anseios com relação a sexualidade

alguns casos mais específicos, a mesma passa a ser o fator estruturador e organizador da vida dos(as) adolescentes.

Assim, mediante toda essa problemática da gravidez na adolescência na sociedade, e, sobretudo, a forma como a escola vem tratando esse assunto, estamos convencidos de que, se as informações sobre gravidez na adolescência não chegarem até os jovens de maneira coerente, chegarão por vias duvidosas e inadequadas que podem acarretar em informação errada ou até na falta dela. Dessa forma, sentimos a necessidade de um trabalho que conscientizasse e tentasse sensibilizar os (as) adolescentes do ensino médio acerca da questão da gravidez na adolescência, partindo do seguinte problema: será que o ensino sobre orientação sexual, não seria também um caminho para prevenir a gravidez na adolescência?

## **METODOLOGIA**

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, que segundo Gressler (2003, p. 88) é “fundamentalmente interpretativa”. O enfoque qualitativo “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 70).

Por questões éticas identificaremos a escola onde desenvolveu-se a pesquisa com um nome fictício. Assim denominamos a escola escolhida para o desenvolvimento da pesquisa como, Escola “José Gonzaga”, situada na cidade de Remígio – PB. Os sujeitos da pesquisa foram 86 (oitenta e seis) alunos (as) da escola supracitada. Deste montante, cinquenta e oito por cento, eram do sexo feminino e quarenta e dois por cento do sexo masculino. Percebemos que há um equilíbrio quanto a quantidade de pesquisados por sexo, valendo salientar que tal acontecimento não foi proposital, buscamos ao máximo manter as condições naturais do ambiente estudado. O trabalho desenvolveu-se em 04 (quatro) turmas do ensino médio, sendo 02 (duas) turmas do primeiro ano e 02 (duas) turmas do terceiro ano.

Utilizamos como instrumentos de coleta de dados um questionário, semi-estruturado buscamos seguir uma sequência lógica na disposição das questões constantes no mesmo.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Atualmente, percebemos que, cada vez mais cedo os jovens embarcam na vida sexual ativa, muitas das vezes sem informações que possam garantir uma introdução saudável e segura a esta nova etapa da vida. Segundo Oliveira *et al.* (2015, p. 2), “essas mudanças no comportamento sexual são resultado de transformações nos valores que tiveram início nos anos 1960 e trouxeram consequências importantes para a área da sexualidade humana”.

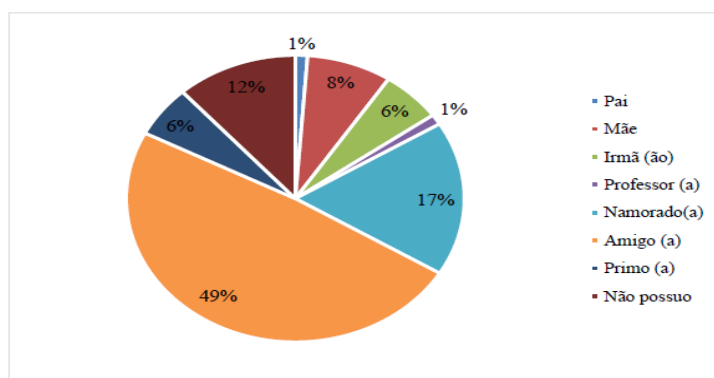
Visando abordar melhor este fato, sentimos a necessidade de conhecer a faixa etária de iniciação sexual dos jovens, mas antes foi preciso saber quais destes possuíam vida sexual ativa. Nesse sentido, indagamos aos estudantes vida sexual ativa, a maioria respondeu que sim, perfazendo um total de 64% dos participantes da pesquisa, e apenas 36% afirmaram não possuir vida sexual ativa. O que deixa ainda mais evidente a necessidade da Educação Sexual fazer-se efetivamente presente nas instituições educacionais.

É evidente a necessidade da orientação sexual na escola, não que ela vá fazer com que os adolescentes retardem a sua perda de virgindade, pois se eles e elas considerarem que estão preparados para tal, não será a escola ou família que irá impedir. Mas é certo que se educação/orientação sexual estiver presente na vida deste(a) jovem, essa iniciação será realizada

de maneira mais segura, visto que se supõe o fato de que adolescentes informados(as) se previnem mais.

Haja vista que os estudos existentes apontam que os (as) adolescentes vêm iniciando precocemente sua vida sexual, necessitamos abordar se e como as informações a respeito da sexualidade chegam até os(as) adolescentes. Para tal perguntamos aos adolescentes com quem os mesmos possuíam maior liberdade para falar sobre sexualidade. Do total, 49% (quarenta e nove por cento) apontaram os(as) amigos(as), como principais fontes de obtenção de informação. Já as figuras da mãe ou do namorado(a), tivemos percentuais expressivos, como 17% (dezesete por cento) e 12% (doze por cento), respectivamente. Já outras figuras como professor (a) e outros parentes, foram citados com bem menos expressão, como mostra o gráfico 01.

**Gráfico 01: Com quem possuem maior liberdade para falar sobre sexualidade**



Fonte: Própria

Falar sobre sexualidade nos dias atuais, mesmo com todo o avanço existente ainda é tabu – aspecto que é preocupante, seja ocorrendo nas famílias ou nas escolas. O fato de 49% dos(as) adolescentes possuírem mais liberdade para tratarem do assunto com amigos(as), 17% com o(a) namorado(a), e 12% simplesmente não possuir liberdade para tratar do assunto com ninguém - que foram os resultados mais pontuais -, só vem a corroborar o que dissemos anteriormente.

A educação deveria ser iniciada em casa, mas isso, na maioria das vezes, simplesmente não acontece, o “velho tabu” referente às questões sexuais estão enraizadas nas famílias. Neste sentido, Bonfim (2009), afirma que:

[...] a família é o primeiro agrupamento humano no qual o sujeito se integra ao nascer, os pais devem ser os primeiros e os principais responsáveis pela educação sexual de seus filhos, pois os mesmos, conscientes ou não, estão contribuindo ou interferindo na formação sexual de sua prole através de suas concepções e atitudes, exercendo grande influência sobre a ideia de sexualidade construída por crianças e jovens (p.48).

O que percebe-se é que isso não está sendo feito, e os(as) adolescentes estão buscando outros meios de obtenção de conhecimentos, que no caso da pesquisa são os(as) amigos(as), o que nos leva a pensar que, se isso está vindo de amigos(as), e que na maioria das vezes, as relações de amizade se dão em grupos com faixa etárias correspondentes, estas informações estão emergindo também de adolescentes, que por sua vez também compartilham dos mesmos anseios e dúvidas.

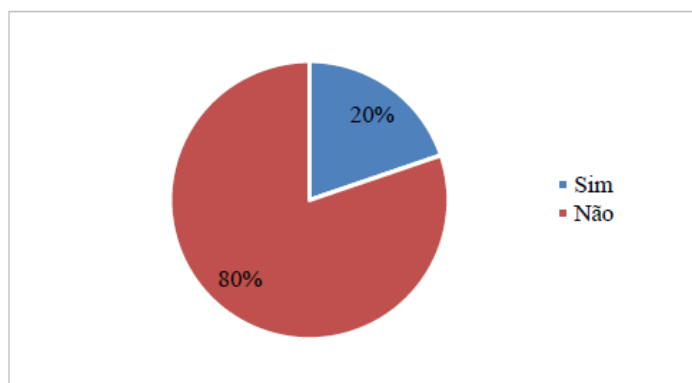
Cabe aqui esclarecer que:

A falta de comunicação sobre sexualidade na família não significa falta de interesse ou responsabilidade por parte dos pais, na verdade podem estar evidenciando a falta de informação sobre sexualidade que permeou várias gerações anteriores, ou seja, muitos pais não sabem lidar com sua própria sexualidade, então ficam impedidos de transmitir conhecimentos competentes acerca do assunto (GONZAGA, 2011, p.52)

Vale salientar também que, tanto os pais quanto os(as) filhos(as) têm vergonha de falar sobre o assunto. Segundo Fanelli (2003), os filhos possuem essa resistência e inerente vergonha em falar com seus pais, principalmente, por medo de que sofram interdições ou proibições, uma vez que mesmo não possuindo uma vida sexual ativa, ficariam expostos a julgamentos dos pais.

Os pais, por sua vez, têm o tabu de conversar com os(as) filhos(as), pressupondo que os(as) adolescentes estariam bem respaldados de informação, a partir do momento que os(as) filhos(as) são matriculados(as) em uma escola, posto que a mesma é uma instituição também responsável pela educação com um todo. Objetivando saber se a escola, *locus* da pesquisa, estava fornecendo as informações necessárias aos(às) adolescentes, no que diz respeito a sexualidade, questionamos aos(às) mesmos(as) se a escola fornecia alguma formação sobre sexo e/ou sexualidade, o resultado foi abaixo das expectativas iniciais, conforme podemos observar no gráfico 02.

**Gráfico 02: A Escola fornece informação sobre sexo ou sexualidade?**



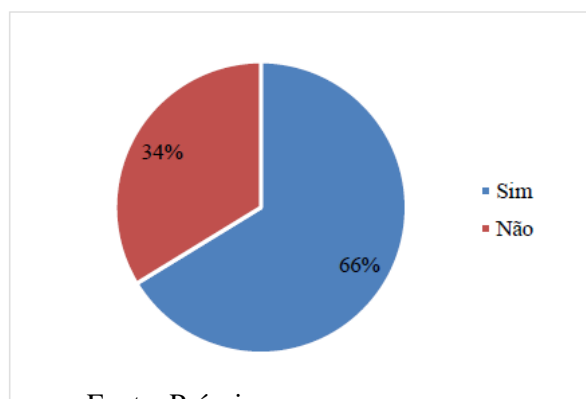
Fonte: Própria

Sobre a abordagem da sexualidade ou do sexo na referida escola 80% (oitenta por cento) dos alunos que participaram da pesquisa afirmaram que o assunto não é abordado; e 20% (vinte por cento) pontuaram que o tema é abordado, conforme mostrado no gráfico 02. Os dados evidenciam que, apesar da sexualidade/orientação sexual estarem propostas para o currículo como conteúdo transversal, pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's); o assunto, muitas vezes é “deixado de lado” pela escola, ou é trabalhado de forma insatisfatória. Neste sentido Barros, Quadrado e Ribeiro (2009, p.04) afirmam que, a escola “como qualquer outra instância social, deve contribuir para a discussão de questões relacionadas à sexualidade”.

Tanto a família quanto a escola são responsáveis diretos pela educação/orientação dos adolescentes. A partir do momento que estas instituições deixam de fornecer esse tipo de formação, indispensável à saúde e ao bem-estar do(a) jovem, tornam-se responsáveis pelo que possa acontecer com aos(às) mesmos(as), tal, como por exemplo, a gravidez na adolescência, ou seja, nesse caso a própria escola está contribuindo para que os adolescentes se evadam da mesma.

Em seguida, buscamos abordar se os adolescentes possuíam algum conhecimento sobre métodos contraceptivos, a maioria dos(as) declarou conhecer algum tipo de anticoncepção, gráfico 03.

### **Gráfico 03: Conhecimento dos Adolescentes acerca de métodos contraceptivos**



Como está exposto à maioria da turma confirmou ter tal conhecimento. Entretanto é válido pontuar que 29 (vinte e nove) jovens (quadro 01), declaram não ter conhecimento sobre nenhum método, talvez por achar que todos(as) alunos(as) saibam sobre o assunto é que a escola não trate do tema, mas aqui confirma-se que nem todos(as) têm conhecimentos destes métodos ou têm vergonha de falar sobre o assunto.

Além do mais, constatamos que esse conhecimento concentra-se na camisinha masculina, o que de certo modo é positivo, visto que este é o método mais eficiente (assim com o a camisinha feminina), quando utilizado corretamente. Contudo, é preocupante saber que estes(as) adolescentes iniciam suas vidas sexuais sem o conhecimento necessário e mais, eles/elas declaram conhecer, mas será que estão fazendo uso?

**Quadro 01: Métodos contraceptivos de conhecimento dos(as) adolescentes, pré-palestra**

<b>Métodos Contraceptivos</b>	<b>Número de alunos (as) que declararam conhecer o método antes da palestra</b>
Camisinha masculina	55
Camisinha Feminina	3
Anticoncepcionais Orais Combinados (pílula)	13
Anticoncepcional Injetável	0
Dispositivo Intra-Uterino (DIU)	0
Diafragma	0
Espermicida	0
Coito Interrompido	48
Método da Tabela	6
Nenhum método	29

Fonte: Própria

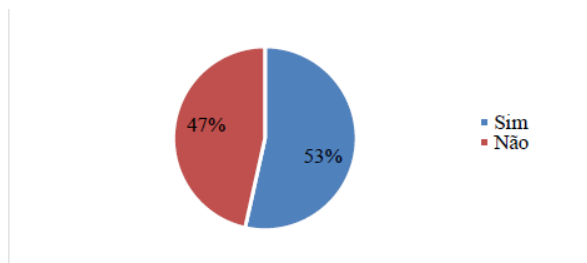
Através do exposto, tendo sido comprovado por meio de estudos anteriores que, cada vez mais precocemente os(as) adolescentes “perdem” a virgindade e se introduzem na vida sexual ativa, e que estes(as) carecem de orientação adequada. Haja vista o pudor moralista da nossa sociedade que cerca esta questão, impondo a desinformação sobre sexo e sexualidade, nos indagamos acerca do que esses(as) adolescentes fazem para manter essa vida sexual saudável e sem incorrer em gravidezes indesejadas ou doenças sexualmente transmissíveis? Nesse sentido, perguntamos aos(às) estudantes se faziam uso de algum método contraceptivo, e qual seria o/os escolhido (s), caso fizessem uso.

Apesar da maioria dos(as) adolescentes afirmarem conhecer alguma método contraceptivo, 53% (cinquenta e três por cento), afirmaram não fazer uso de nenhum deles, conforme podemos ver no gráfico 04, o que é minimamente preocupante. De acordo com Oliveira *et al.* (2015), isso se deve aos novos padrões sexuais existentes, nos quais já se permite que o sexo seja dissociado da função meramente reprodutiva. “Essa desvinculação ocorreu de tal forma que hoje é difícil para o adolescente associar o sexo com a possibilidade



de procriação e assim adotar um comportamento contraceptivo eficaz” (DIAS; GOMES, 2000 *apud* OLIVEIRA *et al.*, 2015, p 3).

### **Gráfico 07: Percentual de adolescentes que fazem uso de algum método contraceptivo**



Fonte: Própria

O coito interrompido, a camisinha masculina e os anticoncepcionais orais combinados (pílulas) foram os métodos mais mencionados pelo percentual de adolescentes que afirmaram fazer uso de algum método contraceptivo. O preocupante é que a maioria opta por usar o coito interrompido como método, sob a alegação de que o prazer é maior, estando desta forma completamente exposta a gravidezes e DST's. Outro fator que causa preocupação é o fato de que muitos(as) adolescentes não sabem fazer uso correto dos meios de prevenção e/ou possuem concepções erradas acerca de sua eficiência.

Quando indagados se os preservativos masculinos e femininos são métodos eficientes de gravidezes indesejadas e DST's, alguns(mas) adolescentes responderam: “não sei”, “acho que sim”, “não tenho certeza”. O que evidencia mais ainda a necessidade de uma maior esclarecimento sobre uso, finalidade e atuação dos métodos contraceptivos, a fim de evitar riscos à saúde pelo uso incorreto e/ou não uso dos meios.

A partir do conjunto de informações expostas, percebemos que os(as) adolescentes, em sua maioria, não obtêm essas informações, seja por parte dos pais ou da escola, bem como, averiguamos que os(as) mesmos(as) conhecem alguns meios de prevenção, mas não fazem uso (ou dizem não fazer) ou fazem uso incorreto destes, o que eleva as possibilidades de gravidezes indesejadas.

## **CONCLUSÃO**

A gravidez na adolescência vem cada dia mais se constituindo como um problema de saúde pública, e esse problema acaba por reverberar nas demais esferas da sociedade: chegando até o meio escolar, melhor dizendo vindo a ser um obstáculo para a continuidade dos estudos escolares dos(as) adolescentes.

O trabalho mostrou que as famílias não tratam do assunto com os(as) alunos(as),

muitas vezes por vergonha, mas também por não ter um preparo maior para lidar com o tema. No entanto, entendemos que a sociedade os condicionou a isso, ou seja, não é por não querer informar, mas sim por falta de embasamento ou mesmo por não saber lidar com o tema, visto que durante toda sua vida foram incentivados a se calar sobre o assunto. Os(As) adolescentes, por sua vez, não se sentem suficientemente à vontade para sanarem suas dúvidas com seus pais, mães e familiares mais próximos, por medo de serem mal interpretados ou julgados, e de sofrerem possíveis punições. Em forma, buscam os(as) amigos(as) e ou parceiros(as) para esclarecer suas dúvidas, expondo-se dessa maneira ao risco de receberem informações equivocadas e acabar engravidando ou sendo acometidos(as) com uma DST. Percebemos que a escola não aborda o tema ou por vezes o faz, só que de maneira pontual e superficial, por meio de duas disciplinas não específicas sobre o assunto, o que não é suficiente, haja vista, a insatisfação dos(as) próprios(as) alunos(as) com relação à orientação sexual que veem recebendo na escola.

Destacamos assim, a necessidade da orientação sexual ser trabalhada com um olhar mais abrangente, por compreendermos que o assunto deveria ser contextualizado com a realidade dos(as) adolescentes, envolvendo toda a comunidade escolar, inclusive suas famílias, para assim propiciar aos adolescentes uma iniciação sexual minimamente saudável e longe de perigos.

Os sujeitos da pesquisa apresentaram dúvidas com relação aos métodos de anticoncepção, bem como, no que diz respeito à conceituação de sexo e sexualidade, o que é apenas reflexo de uma formação incompleta. Nosso intuito não foi o de proclamar a orientação sexual como um assunto fácil de ser trabalhado, pois, sabemos que sexo e sexualidade são assuntos que trazem consigo muitos pré-conceitos e ideias tiradas do senso comum, tabus e vivências únicas, mas que é de extrema relevância para o público adolescente.

É necessário que discutamos a orientação sexual com nossos(as) alunos(as), não apenas de forma pontual, mas de forma efetiva e sistemática. Nesse sentido, a escola deve fazer bom uso do ambiente privilegiado da qual dispõe e inserir no seu cotidiano atividades educativas que discutam a educação sexual fazendo uma conexão com os interesses dos(as) adolescentes, buscando preencher as lacunas na formação destas pessoas, visto que eles(as) as obtêm mesmo que de maneira fragmentada por meio de conversas “cortadas”, ouvidas em seu seio familiar ou das grandes mídias TV, redes sociais e etc.

Deve-se nessas atividades ater-se também à questão da prevenção, afim de que os(as) adolescentes tomem conhecimento dos riscos que correm sem a devida proteção, para que, a

partir do conhecimento adquirido, possam mudar suas condutas sexuais, bem como, suas posturas, e possam melhorar sua qualidade de vida, utilizando corretamente métodos anticoncepcionais, evitando desta forma, gravidezes indesejadas e contaminações com Doenças Sexualmente Transmissíveis.

Até a prática social do(a) adolescente embasado acerca dessa temática muda, pois os mesmo tornam-se multiplicadores de informações corretas. Sabemos que mudar não é fácil, mudar anos e anos de história estigmatiza por pudores acerca da educação sexual, muito menos. Mas cabe a cada um(a) fazer a sua parte, da melhor maneira possível, para desenraizar dia após dia essas marcas. Pois, como diz Cecília Meireles: “O vento é sempre o mesmo, mas sua resposta é diferente em cada folha. Somente a árvore seca fica imóvel entre borboletas e pássaros”.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, E. M. L. et al. Adolescência e reprodução no Brasil: a heterogeneidade dos perfis sociais. In: Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 19, suplemento 2, 2010. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/csp/v19s2/a19v19s2.pdf> >. 14/12/2015.

BARROS, S. C; QUADRADO, R. P; RIBEIRO, P. R. C. Sexualidade no currículo escolar: disciplinaridade ou transversalidade. VII Enpec, Florianópolis, 2009.

BELO, M. A.V; SILVA, J. L. P. Conhecimento, atitude e prática sobre métodos anticoncepcionais entre adolescentes gestantes. Rev. Saúde Pública, São Paulo, v. 38, n.4, 2004.

BONFIM, S. S. Orientação sexual na escola: tabus e preconceitos, um desafio para a gestão. Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2009.

BORGES, A. L.V; SCHOR, N. Início da vida sexual na adolescência e relações de gênero: um estudo transversal em São Paulo, Brasil. Cad Saúde Pública, São Paulo, v.21, 2005.

BRASIL.Ministério da Educação, Lei nº 9.394, 1996. \_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção em Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.

CAVALCANTI, S. M. O. et al. Fatores associados ao uso de anticoncepcionais na adolescência. Tese de Doutorado. Instituto Materno Infantil de Pernambuco, 2000.  
DIAS, A. C. G; GOMES, W. B. Conversas, em família, sobre sexualidade e gravidez na adolescência: percepção das jovens gestantes. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.

FANELLI, C. M. A gravidez na adolescência como um dos desafios para as políticas de

educação e saúde. UERJ/Faculdade de Serviço Social, Rio de Janeiro, 2003.

GONZAGA, A D. Gravidez na adolescência: reflexo da falta de orientação?um debate acerca das informações prestadas. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

GRESSLER, L. A. Introdução à pesquisa. Edições Loyola, 2003.

HUGO, T. D. O. et al.Fatores associados à idade da primeira relação sexual em jovens: estudo de base populacional. Caderno saúde pública, v. 27, n. 11, p. 2207-2214, 2011.

MOREIRA, T. M. M. et al. Conflitos vivenciados pelas adolescentes com a descoberta da gravidez. RevEscEnferm USP, v. 42, n. 2, p. 312-20, 2008.

MOREIRA, B. L. et al. Educação sexual na escola: implicações para a práxis dos adultos de referência a partir das dúvidas e curiosidades dos adolescentes. Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias, v. 10, n. 1, 2011.

OLIVEIRA, J. M. et al. Gravidez na adolescência: realidade e repercussões sobre atividade sexual. Informativo Técnico do Semiárido, v. 9, n. 2, p. 16-22, 2015

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Carta de Ottawa para a promoção da saúde (Direção Geral de Saúde, Traduzido). Versão Portuguesa Uma conferência Internacional para a Promoção da Saúde com vista a uma nova Saúde, 2010.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. Metodologia do Trabalho Científico: métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico. 2ª ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SILVA, L. P. M; SANTOS, L.C. Gravidez na adolescência: repercussões para sua saúde integral.Perquirêre. Edição 5, Ano 5, 2008.